
A REFERENCIAÇÃO PRONOMINAL NO DISCURSO DO PROFESSOR: DISTANCIAMENTO E PROXIMIDADE

*THE PRONOMINAL REFERENCE IN TEACHER'S SPEECH:
DISTANCING AND PROXIMITY*

Maria Angélica Lauretti Carneiro¹

*¹ Universidade de Sorocaba (UNISO), Sorocaba, SP, Brasil
maria.carneiro@prof.uniso.br*

Recebido em 19 jun. 2018

Aceito em 25 jul. 2018

Resumo: Considerando que o domínio dos estudos linguísticos da referencialidade, visto a partir das reflexões provenientes das ciências humanas e sociais, está estritamente ligado aos usos da linguagem em contexto, este artigo tem como objetivo analisar as significações resultantes do uso das referências pronominais nos discursos de duas professoras em aulas de leitura. Os pressupostos teóricos foram baseados em Koch (2005; 2015); Koch e Marcuschi (1998); Marcuschi (1998); Apothéloz e Reichler-Beguelin (1995); Mondada (2005) e Mondada e Dubois (2003). O quadro de pesquisadores emprestou grande vigor à Linguística no campo dos estudos da referência, destacando a sua natureza discursiva como objetos-de-discurso e não como entidades especulares, porém resultantes de processos discursivos. O corpus foi composto por extratos de dois eventos didáticos de aulas de leitura focando nas estratégias de uso de referências pronominais nas falas de duas professoras e nos encadeamentos dialógicos, indiciando diferentes formas de envolvimento interpessoal: de distanciamento e de proximidade. Os resultados mostram como as referências são processadas nas próprias atividades discursivas dentro dos contextos.

Palavras-chave: Referência. Discurso pedagógico. Interação social. Distanciamento. Proximidade.

Abstract: Considering that the domain of linguistic studies of referentiality, seen from the reflections from the human and social sciences, is strictly linked to the uses of language in context, this article aims to analyze the meanings resulting from the use of pronominal references in the discourses of two teachers in reading classes. The theoretical assumptions were based on Koch (2005, 2015); Koch and Marcuschi (1998); Marcuschi (1998); Apothéloz and Reichler-Beguelin (1995); Mondada (2005) and Mondada and Dubois (2003). This cadre of researchers lent great force to Linguistics in the field of reference studies, highlighting its discursive nature as discourse objects and not as specular entities but as result of discursive processes. The corpus consisted of extracts from two didactic events focusing on the strategies of use of pronominal references in the speeches of two teachers in the dialogical threads, indicating different forms of interpersonal involvement, distancing and proximity. The results point that the references are discursively processed in contexts.

Keywords: Pronominal referent. Pedagogical discourse. Interaction. Distancing. Proximity.

Introdução

A questão da referência na Linguística, fundada a partir da tradição filosófica e lógica como um modelo de correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do mundo surge orientada, na contemporaneidade, a partir de reflexões provenientes das ciências humanas e sociais, como resultado de um fenômeno de retomada de objetos-de-discurso, ou de entidades alimentadas e reproduzidas pela e na atividade discursiva.

Neste artigo, a reflexão está voltada para as significações produzidas pelas referenciações usadas nos discursos de duas professoras em aulas de leitura. Uma vez que consideramos que as maneiras de dizer e de ver o mundo estão inseparavelmente conectadas, as relações examinadas nessa perspectiva puderam tornar evidentes dois processos de construção de significação distintos.

O corpus é formado por extratos de dois eventos nos quais serão focadas as estratégias de uso das referenciações pronominais indicativas das pessoas do discurso presentes nos diálogos das professoras com seus alunos. Analisadas com o apoio na visão sociocognitiva-interacional da língua que considera o discurso como o lugar de interação (KOCH, 2005), as referenciações indicaram modos de envolvimento interpessoal no quadro da interação professor-aluno relativos aos papéis sociais dos participantes do contrato didático, resultando em dois sentidos nos discursos de uma e outra professoras: *distanciamento* e *proximidade*.

Os pressupostos teóricos baseados em linguistas como, Koch (2005; 2015); Koch e Marcuschi (1998); Marcuschi (1998); Apothéloz e Reichler-Beguelin (1995); Mondada (2005) e Mondada e Dubois (2003) foram os principais contributos para as análises aqui mostradas. Esses pesquisadores, que emprestaram grande vigor e movimentação à Linguística no campo dos estudos atuais da referência, destacam a natureza discursiva das referências como *objetos-de-discurso* e não como entidades especulares dos objetos do mundo, mas resultantes de processos discursivos. A partir da perspectiva sociocognitivista, a referência é uma “construção social, intersubjetiva e historicamente situada” (KOCH; MORATO; BENTES, 2005, p. 8). Como resultado destaca-se a importância do contexto manifestado partir dos saberes compartilhados e sua materialidade para a produção da referência pela sua instauração no desenrolar das interações, no caso aqui discutido, resultando nos

sentidos de *distanciamento* e *proximidade* pelos modos como as referências estão organizadas nos discursos.

A construção discursiva da referência

A grande relevância dos estudos sobre a referenciação é a abertura da Linguística aos dados empíricos (MONDADA, 2005) quando se adota a perspectiva de que o fenômeno da referência acontece com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso, em que o sentido se faz a partir de uma construção interativa, efetuada por sujeitos que mobilizam seus modelos de mundo. Assim, a referência está definida como “resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos” (MONDADA, 2005, p. 11).

No interior das teorias expostas, os fenômenos referenciais são resultados de práticas discursivas que acontecem na relação mútua entre linguagem e realidade (KOCH, 2005, p.9). Significa, pois, que os referentes não são entidades de estatuto ontológico *a priori*, nem tampouco são estáveis, conforme os postulados de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Ademais, existe uma pluralidade de estratégias de referenciação, segundo Koch e Marcuschi (1998), capazes de (re)categorizar os objetos de mundo conforme o discurso se desenrola.

Na trajetória das reflexões sobre linguagem parte-se inicialmente da noção de referentes como formas de correspondência especular com os objetos do mundo real, até a sua distinção atual, como *objetos-de-discurso*, interativos e discursivamente constituídos por sujeitos históricos e sociais, o que explica porque o termo “referenciação” veio substituir o termo “referência”.

Esse deslocamento de perspectiva justifica a opção pela última designação para estudar os fenômenos aqui discutidos, pois se parte da noção de sócio-cognitivismo como uma “construção social, intersubjetiva e historicamente situada” (KOCH, 2015, p. 8). Dessa forma, o domínio dos estudos da referencialidade está estritamente ligado aos usos da linguagem em contexto e em sociedade

(MONDADA, 2015, p. 12), significando, assim, que as referências ultrapassam as relações de correfencialidade.

Partindo de uma visão discursiva, as referências analisadas neste trabalho permitiram explicitar os processos importantes para compreensão de aspectos nas interações estudadas relativos à relação intersubjetiva dos papéis dos atuantes no contexto didático, o professor e o aluno.

Os fenômenos destacados nos excertos dialogais demonstraram como duas professoras interagem diferentemente com seus alunos, o que permitiu levantar algumas hipóteses explicativas sobre como as referências moldam as relações interpessoais, por exemplo, para produção dos sentidos de *distanciamento* com os alunos interlocutores, no caso de uma professora e de *proximidade*, a partir das escolhas referenciais da outra.

Nos dados em questão, ainda que alguns pronomes pessoais endereçados sejam idênticos, verifica-se que assumem sentidos distintos, não correspondentes, a depender dos dois contextos em que estão sendo enunciados:

- i. “você” (= sentido genérico, ou as pessoas em geral);
- ii. “você” (= papel institucionalizado de aluno);
- iii. “você” (= o aluno interlocutor presente na enunciação);
- iv. “ele” (= papel institucionalizado do aluno);
- v. “vocês” (= papel institucionalizado de aluno),
- vi. “todo mundo” (= os alunos interlocutores);
- vii. “vocês” (= os alunos interlocutores).

Foram essas referências pronominais que permitiram observar como nelas encontram-se manifestas concepções distintas sobre as posições sociais da interação didática e seus efeitos de sentidos nos discursos.

A construção das referências pronominais pessoais na constituição das intersubjetividades

Os processos discursivos de referenciação pelo uso dos pronomes deram-se de forma distinta, indicando uma diversidade de traços de correferencialidades e cossignificações endereçadas para objetos-de-discurso distintos.

Ora, como postulou Apothelóz, citado em Koch e Marcuschi (1998), é possível haver uma pluralidade de estratégias de designações anafóricas dentro da perspectiva discursiva que as recategorizam conforme o discurso se desenrola. A exemplo disso, será possível notar mais adiante no corpus como pronomes idênticos assumem significados muito diferentes nas duas interações das professoras: distanciamento e proximidade.

Nos extratos que seguem das transcrições das aulas conduzidas pelas professoras (denominadas aqui como P1 e P2), percebe-se a presença de uso de formas pronominais marcadoras das posições sociais comuns no contrato didático historicamente construído.

O episódio transcrito abaixo, que expõe os efeitos de distanciamento no que tange à relação interpessoal, como será mostrado, é um preâmbulo de uma aula de interpretação de leitura, conduzida pela professora P1. Ela objetiva classificar junto aos alunos uma tipologia das perguntas sobre o texto, como “decodificadoras” ou “interpretativas”.

Exemplo 1 (P1):

<p>(1) P1 É o seguinte o professor dá um texto faz umas perguntinhas... como é que são essas perguntinhas? O que elas esperam que <i>o aluno</i> faça? Elas esperam que <i>o aluno</i> leia o texto...</p>	<p>(1) <i>o aluno</i> (referência nominal) = genérico/ o aluno em geral e seu papel no contrato didático “ele vai colocar entre aspas”</p>
<p>(2) Aluno 1 ...interprete</p>	
<p>(3) P1 isso...entenda, interprete...e algumas perguntinhas são tão fáceis que não exigem nenhum esforço quase/ de compreensão, sem que <i>o aluno</i> volte a página, leia o texto que está escrito/ se ele for uma cópia fiel <i>ele</i> vai</p>	<p>(3) <i>o aluno</i> (referência nominal) = genérico/ o aluno em geral e seu papel no contrato didático <i>ele</i> = genérico/o aluno em geral e seu papel no contrato didático <i>todo mundo</i> = todos os alunos da sala</p>

<p>colocar aspas claro e se for responder com as próprias palavras/ quero que <i>todo mundo</i> grave/ quando <i>vocês</i> acham a resposta com muita facilidade ela está praticamente escrita em algum lugar do texto, <i> você</i> estará apenas...</p> <p>(4) Aluno 2 ...decodificando</p> <p>(5) P1: decodificando, isso lendo e revendo aquilo que o texto falou/ e quando <i> você</i> precisa pensar, ler outra vez o texto <i> você</i> estará...</p> <p>(6) Alunos: ...interpretando.</p>	<p><i> vocês</i> = todos os alunos da sala</p> <p><i> você</i>= genérico /o aluno em geral e seu papel no contrato didático</p> <p>(5) <i> você</i>= genérico /o aluno em geral e seu papel no contrato didático</p>
--	--

Figura 1

Dentro do contexto da aula de P1, a interpretação das referências “ele” e “você” assumem conotação genérica. Na progressão desta interação, “você” também pode ser interpretado com sentido genérico (o aluno em geral).

A nominalização “o aluno” (“sem que *o aluno* volte a página”), e no turno 3, a pronominalização (“*ele* vai colocar entre aspas”), percebe-se a evidência dada à imagem institucionalizada, em contraposição ao aluno-interlocutor presente, ou seja, esse objeto surge designado num sentido generalizante, melhor dizendo, relacionado ao papel estatutário que ocupa. O uso do pronome da segunda pessoa do singular pronunciado de forma genérica (...e quando “*você*” precisa pensar, no turno 5) refere-se do mesmo modo às formas anteriores “aluno/ele”. Note-se que o sentido é semelhante no uso, no turno 3, das duas formas, “todo mundo” e “vocês”.

Poder-se-ia dizer que as formas pronominais apontadas na sequência anterior (*você, vocês, todo mundo, você, ele*) referem-se a um mesmo objeto-de-discurso. São, portanto, formas que dentro desse processo discursivo foram construídas discursivamente, que se equivalem, são responsáveis por marcar uma modalidade com sentido deôntico e de *distanciamento* em relação à participação no diálogo.

No excerto da aula transcrita da outra professora (P2) a atividade é de interpretação de um poema. Percebe-se uma distinção no uso dos pronomes “você”

e vocês”, pois não se trata da mesma estratégia de designação dos referentes em relação a P1.

Exemplo 2 (P2):

<p>(1) P2 Por que elas não conversam?</p> <p>(2) Aluno 1 Um não conhece o outro... fica meio cismado assim.</p> <p>(5) P2 é... acho que o próprio medo pode, como <i> você </i> colocou...pode provocar o silêncio deles. Podia ser também uma pessoa que inspirasse pelo menos pra mim, hum, medo, distância...nenhum ia abrir a boca pra conversar com o outro.</p> <p>(6) Aluno 2 por causa do silêncio da noite...</p> <p>(7) P2 por causa do silêncio da noite...porque a noite estava silenciosa e isso passou pras pessoas... elas também...Tá, outra opção de resposta... normalmente quando <i> você </i> está andando numa rua escura...alta madrugada...<i> a gente </i> quer chegar logo em casa...</p> <p>(8) Aluno 2 antigamente <i> a gente </i> tinha mais liberdade...agora...</p> <p>(9) P2 ...e <i> você </i> podia falar com qualquer pessoa. Hoje, qualquer pessoa na rua pode parecer suspeita...o que é uma pessoa suspeita pra <i> vocês </i>?</p>	<p>5) <i> você </i> = o aluno interlocutor presente</p> <p>(7) <i> você </i> = genérico/as pessoas em geral <i> a gente </i> = genérico/ as pessoas em geral</p> <p>(8) <i> a gente </i> = genérico/ as pessoas em geral</p> <p>(9) <i> Você </i> = todas as pessoas <i> Vocês </i> = alunos interlocutores</p>
--	---

Figura 2

Na sequência didática organizada e conduzida por P2 acima apresentada, há um sentido de *proximidade*, resultado da combinação do gênero conversacional. O movimento de conversação pode ser constatado no modo como se dão as relações inter-turnos e na progressão referencial dos dêiticos: *você* , *vocês* e *a gente* , heterogêneos em relação à interação anterior. Nesse contexto, ainda que P2 recorra a dêiticos indiciadores de referentes genéricos em seu discurso, a alternância de

modos conversacionais abre possibilidade para inscrição de novas (re)formulações dos alunos, bem como da própria P2, que se inclui no discurso (“a gente”, turnos 7 e 8). Assim, ao juntar estratégias comunicativas mais flexíveis, P2 possibilita uma maior proximidade.

O que se constata nas análises é como a diversidade semântica dos pronomes pessoais, às vezes idênticos, como é o caso de “você” nas elocuições de P1 e P2, reforça a ideia de que a construção da referência se processa na atividade discursiva. Confirma-se, portanto, como bem mostram Mondada e Dubois, que a “discretização” do mundo empírico não é apriorística, o que equivale a dizer que, no mundo fenomênico, externo, “a possível extensão referencial de nossos itens lexicais não está à disposição, pronta para receber as designações pura e simplesmente”. Em outras palavras, no campo dos estudos do discurso (MONDADA; DUBOIS, 1995 apud KOCH; MARCUSCHI, 1998).

[...] a referenciação, tal como a tratam Mondada e Dubois (1995), é um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes, de tal modo que a expressão *referência* passa a ter um uso completamente diverso do que se atribui na literatura semântica em geral. Referir não é mais atividade de “etiquetar” um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade (KOCH; MARCUSCHI, 1998, P.170, grifo dos autores)

As formas pronominais a que recorrem os sujeitos passam a ser objetos-de-discurso, ou em outros termos, designam referentes a partir da relação desses sujeitos com a realidade que vai se constituindo pelas atividades anafóricas dentro da dinamicidade das interações:

[...] os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele. Interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural. (KOCH, 2005, p. 33-34)

Postas essas observações, a reflexão voltada para as significações produzidas pelas professoras obriga-nos a expandir a presente discussão para outras dimensões do discurso, que também envolvem a interatividade e a intersubjetividade como relações possíveis de serem compreendidas se estudadas sob a perspectiva discursiva dentro dos contextos.

O contexto como dispositivo complexo de produção da significação

Nos nossos dados, as dêixis pronominais apontaram para posições sociais que marcam os lugares na organização do discurso pedagógico e resultaram em efeitos de distanciamento e proximidade. Contudo, só seria possível interpretar tais significados produzidos nos modos de referenciar se considerássemos as análises dessas dêixis no interior de um quadro situacional mais amplo e dinâmico.

Ora, na visão sociocognitivista-interacional, assume-se que a interação tem base em conceitos interiorizados, crenças cristalizadas na rotina do cotidiano, que acabam por “naturalizar” e legitimar práticas discursivas.

Para Mondada (apud KOCH; MORATO; BENTES, 2005) são as evidências situacionais que obrigaram a Linguística e os analistas a levar em consideração as situações em que a palavra está imbricada também nas ações não verbais, na materialidade do contexto, o que segundo a autora, é fundamental para uma reflexão sobre a produção da referenciação, tomando-se por exemplo, as que se processam por meio de práticas sociais multimodais e não somente linguísticas, como os gestos, e que são fundamentais aos processos interpretativos. De acordo com a autora, para as abordagens interacionistas

[...] são as práticas referenciais manifestadas na interação social que são objetos de análise-práticas languageiras, mas também práticas gestuais, movimentos no espaço, orientação do olhar; os referentes visados por estas práticas não são tratados como preexistindo a elas mas como instaurados na realização e no desenrolar da atividade referencial, pela maneira como esta é reconhecidamente organizada. (MONDADA apud KOCH; MORATO; BENTES (Org.), 2005, p. 12)

Destarte, é no interior das práticas que se formam os esquemas de ações, de gestos e de interações. Disso se depreende que a questão da referência vem ultrapassando o limite estritamente linguístico (KOCH, 2005), para ser considerada como um fenômeno que diz respeito, simultaneamente, à cognição e aos usos da linguagem em contexto e em sociedade

[...] há hoje em dia uma multiplicidade de quadros teóricos diferente disponíveis para apreendê-la. De uma parte estão as abordagens cognitivas que remetem a gestão das atividades de referenciação a saberes compartilhados dos quais dependem as escolhas das expressões referenciais adequadas, i.e., a estados cognitivos que caracterizam não apenas o locutor, mas também seu interlocutor e maneira pela qual são apreendidos pelo primeiro e, portanto, podem centrar-se quer no sujeito, quer no estabelecimento de uma intersubjetividade. (KOCH, 2005, p. 12)

Nas relações que constituem as intersubjetividades no contexto pedagógico, o professor tem exercido seu poder dentro de uma “matriz”, no interior da qual ele e o aluno exercem papéis diferenciados. Esse processo de naturalização da profissão docente fundou-se a partir de bases históricas e sociais, que caracterizaram o professor como executor da transmissão de um saber pré-determinado definindo a dinâmica das interações no contexto didático. É, portanto, no discurso que se moldam as interações e ao mesmo tempo se explicam as realidades subjetivas representadas.

Enquadramento dos sentidos distanciadores das referências pronominais: modalidade deôntica e pista entonacional no discurso de P1

As referências produzidas nos contextos são tópicos que devem ser analisados a partir de estudos de outros domínios teóricos que obrigam à Linguística a “não se limitar a dar conta de atividade dos interlocutores que seriam exclusivamente verbais” (KOCH, 2005, p.15). Para Koch, essas atividades realizam-se nas práticas interativas autênticas, e “é em observando um desenvolvimento sequencial da interação que a inteligibilidade e os sentidos dos processos intersubjetivos são tornados manifestos – para os participantes antes mesmo que para os analistas”.

Assim sendo, neste trabalho, para se entender a produção das referências, a sociolinguística interacional nos permitiu mostrar como as estratégias discursivas são responsáveis por construir os contextos e os saberes compartilhados.

Concernente à relação intersubjetiva, demonstramos em seção anterior como os usos dos pronomes na fala de P1 descaracterizam a relação mais personalizada com o interlocutor, marcando um *distanciamento* dado pelo sentido generalizante que as referências pronominais assumem. Há outros traços contextualizantes moldando a interação, os quais são igualmente importantes de ser interpretados.

A modalidade do discurso de P1 tende a ser mais imperativa, a exemplo da elocução: “quero que *todo mundo* grave” (Figura 1) indicativa da concepção assumida por essa professora sobre a posição social dos atores na interação didática.

No campo dos estudos da interação, destaca-se o fenômeno da inferência conversacional como um aparato teórico importante para se investigarem os processos interativos e os discursos. Na matriz do discurso pedagógico, por exemplo, existe historicamente um modelo de elocução predominante muito comum na fala do professor. Esse modelo se realiza por meio de uma elocução incompleta, com entonação de pergunta à qual os alunos têm que completar a sílaba, a palavra ou a frase como num ato de adivinha (CICOUREL, 1985).

Note-se, na fala de P1, como a forma de elocução da professora sinalizada na entonação ascendente, “você estará apenas...”, abre permissão para a complementação imediata da frase pelo aluno, nos turnos 3 e 5 (Fig. 1). Esse modelo entoacional analisado por Cicourel resulta na participação ritualizada ou assemelha-se a um jogo cujas regras tácitas devem ser seguidas, colocando em evidência, nesse caso, os dois lugares socialmente marcados.

Enquadramento dos sentidos aproximativos das referências: inscrição da fala do aluno no discurso de P2

Já foi demonstrado que, na interação da professora P2 (Fig. 2), as formas referenciais pronominais surgem ancoradas num discurso orientado para um maior envolvimento conversacional, resultando em um efeito de proximidade.

O discurso conversacional permite abrir espaço a uma (re)distribuição mais equitativa da participação na interação e a uma reciprocidade de significados. A resposta de P2 ao aluno (‘por causa do silêncio da noite...tá outra opção de resposta’, turnos 6 e 7, Fig. 2), mediante estratégia de *reenunciação* da sua fala, serve como elemento contextualizador pelo resgate da voz do aluno e pela sociabilização da sua resposta.

A reenunciação, ou o *revoicing* (O'CONNOR; MICHAELS, 1993) é um “modelo” discursivo realizado por meio de mecanismos linguísticos de expansão, repetição e parafraseamento pelo professor de modo a expandir a fala do aluno para inseri-la no discurso e ampliá-la. Em outra tomada do turno 5, a professora P2 inscreve explicitamente, na sua própria formulação, a opinião do aluno-interlocutor (‘é...acho que como você colocou...’, turno 5, Fig. 2).

Note-se que a reenunção da fala do aluno enquadra o discurso em outra perspectiva, ao mesmo tempo em que modifica o interior da estrutura de participação no diálogo, novamente resultando em efeito de proximidade.

Considerações finais

As implicações decorrentes das análises expostas são evidências de que os processos de referenciação pronominal foram regulados por concepções distintas de cada uma das professoras, relativas à dimensão interacional, as quais são expressas nas pronominalizações empregadas em seus discursos.

Para entender sobre a produção das referenciações anafóricas e dêticas, além de recorrermos ao aparato dos reconhecidos estudiosos da linguística, que há décadas desenvolvem estudos na área da referenciação e discurso, a sociolinguística interacional nos permitiu mostrar como as estratégias discursivas são responsáveis por construir os contextos e a troca de saberes compartilhados.

Os processos referenciais aqui mostraram práticas naturalizadas na interação didática reveladas na própria construção do processo interativo e apontaram para a importância de os analistas refletirem sobre a produção das referenciações como processos discursivos.

Do ponto de vista sociocognitivo-interacional, as formas de referenciação discursiva resultaram em modos distintos, em sentidos heterogêneos e em correferencialidades plurais, as quais revelaram concepções diferentes dos objetos-de-discurso no contexto das relações didáticas. Nos dados em questão, ainda que alguns pronomes pessoais endereçados ao interlocutor-aluno sejam idênticos, mostrou-se que assumiram sentidos distintos, não correspondentes, a depender dos dois contextos em que foram enunciados:

- i. “você” (= sentido genérico, ou as pessoas em geral);
- ii. “você” (= papel institucionalizado de aluno);
- iii. “você” (= o aluno interlocutor presente na enunciação);
- iv. “ele” (= papel institucionalizado do aluno);
- v. “vocês” (= papel institucionalizado de aluno),
- vi. “todo mundo” (= os alunos interlocutores);

vii. “vocês” (= os alunos interlocutores).

As implicações que cremos decorrerem dessas análises são a constatação, já problematizada e destacada pelos linguistas que compõem o quadro deste trabalho, de que os sentidos nas interações devem ser entendidos na própria construção do processo discursivo.

O comportamento discursivo do professor é importante para o desestabelecimento ou a confirmação de certas práticas naturalizadas de ensino/aprendizagem que são entendidas na própria construção do processo interativo.

As implicações pedagógicas sugerem que o professor, como mediador entre autor do texto e o aluno, exerce um papel essencial na criação das condições para o ensino/aprendizagem. A inclusão da outra perspectiva e a consequente participação mais equitativa implicam em mudanças nos movimentos discursivos de sala de aula. A inserção no discurso da perspectiva daquele que aprende pode evidenciar a maneira como se está construindo o sentido na leitura para o aprendiz.

No campo da educação, os envolvimentos interpessoais devem ser olhados sob perspectiva de intervenção para resolução dos problemas relacionados à questão da qualidade de participação do aprendiz nas interações didáticas.

Referências Bibliográficas

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BEGUELIN, M. Construction de la référence et strategies de designation. *TRANEL 23 – Du syntagme nominal aux objets-de-discours*, 1995:227- 271.

CICOUREL, F. Parole sur Parole ou le metalanguage dans la classe de langue. *Didactique des Langues Étrangères*, Cle International, 1985.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. **Processos de referência na produção discursiva**. D.E.L.T.A, v. 14, p. 169-190, 1998. (número especial).

KOCH, I. V.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Org.). **Referênciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 8-10.

KOCH, I. V. Referênciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A.C. (Org.). **Referênciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2015. São Paulo: Contexto, 173 p.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português do Brasil. **Anais do I Colóquio Internacional de Língua Portuguesa**, Berlim, março de 1998.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M; BENTES, A.C. (Org.) **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CALVACANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA,A.; (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

O'CONNORS, M. C.; MICHAELS, S. Aligning Academic Task and Participation Status through Revoicing: Analysis of a Classroom Discourse Strategy. In: **Anthropology & Education Quarterly**, vol. 24. 1993

Sobre a autora

Maria Angélica Lauretti Carneiro

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Supervisora educacional no curso de pós-graduação do Programa Redefor da Unicamp. Coordenadora do programa de alfabetização de adultos na Unicamp. Parecerista do Programa da Avaliação Nacional do Livro Didático (PNLD), na área de português. Participação no Programa de Cooperação Internacional de Formação de Professores de Língua Portuguesa na República de Cabo Verde, África. Docente de Letras da Universidade de Sorocaba.